

Evento: XX Jornada de Extensão

**RODAS DE CONVERSA COM ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO:
CONSTRUINDO NOVOS SENTIDOS NA ESCOLA¹
CONVERSATION'S CIRCLE WITH HIGH SCHOOL TEENAGERS: BUILDING
NEW MEANINGS IN SCHOOL**

Jenaína Tres², Solange Castro Schorn³

¹ Relato de Experiência de Estágio Curricular Supervisionado realizado no curso de Psicologia da Unijuí

² Graduanda do curso de Psicologia da Unijuí. E-mail: psicotres@hotmail.com

³ Orientadora. Doutora em Educação nas Ciências. Docente do Curso de Psicologia da Unijuí. E-mail: solange.schorn@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

A psicologia como ciência e profissão abrange um amplo campo de atuação. Cada área e local de trabalho exige uma especificidade, sendo a escola um importante campo de atuação do psicólogo. Nessa instituição surgem questões do desenvolvimento humano, da aprendizagem, das relações afetivas, do social e da clínica. Por vezes, torna-se o único acesso de uma criança/adolescente a outro discurso que não o do casal parental, a outros modelos identificatórios e novos sentidos. A psicologia escolar, como um importante campo de atuação do psicólogo, abre espaço para a escuta das questões que ali emergem, um leque de possibilidades de intervenção que envolve toda a comunidade escolar (alunos, pais, professores).

De acordo com Guzzo (2008), a presença do psicólogo nas instituições escolares permite acompanhar o desenvolvimento das crianças e adolescentes em suas vivências cotidianas, buscando relacionar elementos dos vários contextos de circulação (família e comunidade) que beneficiem ou dificultem esse processo. A escola é concebida como um lugar de subjetivação que perpassa, naturalmente, pelas questões de ensino e aprendizagem. Esse lugar remete a um espaço de circulação social, de histórias e afetos, portanto, exige dos professores e alunos constante trabalho psíquico de “fazer sentido” (FIGUEIREDO, 2007, p. 16). Torna-se, então, cada vez mais necessário o questionamento e a ressignificação do lugar e da função da escola frente às novas demandas de trabalho, considerando novos perfis de alunos, novas formas de aprendizagem, a influência das tecnologias, entre outros aspectos que vêm provocando mudanças nos discursos organizadores da sociedade e nas formas de construir laço social.

Diante dessas elaborações, busca-se compreender o estatuto da palavra na instituição escolar, o lugar do afeto e do laço social nesse contexto a partir da análise e reflexão de fragmentos de uma experiência de estágio.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata do relato de uma experiência de estágio curricular em Psicologia e Processos Educacionais do Curso de Psicologia da UNIJUI, realizado no primeiro semestre de 2019 em uma escola pública de ensino médio localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul. O início do estágio foi marcado por momentos de observação da comunidade escolar cujo

Evento: XX Jornada de Extensão

objetivo foi conhecer a instituição em seu contexto relacional e educativo. Dessa observação, construiu-se um projeto de intervenção em pontos nevrálgicos da escola. O projeto começou a ser desenvolvido com a proposta de rodas de conversas, organizadas por turmas, com adolescentes do primeiro e segundo anos do ensino médio, e uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) correspondente ao segundo ano do ensino médio. Estrategicamente, a conversação em cada turma partiu da questão norteadora: “como me sinto na escola?”

As respostas formuladas pelos adolescentes foram organizadas por turma e divididas entre as que expressavam um certo mal-estar nas relações entre eles, daquelas que expressavam algo da crise adolescente, e as restantes e diversas, constituindo o corpus de análise desse estudo. O material coletado, composto por frases e palavras enunciadas nas respostas à pergunta inicial, foi analisado com base na Análise Textual Discursiva (ATD), um método de pesquisa de análise de dados e informações de natureza qualitativa, com o objetivo de produzir novas compreensões sobre fenômenos e discursos, pois, para além de um conjunto de procedimentos definidos, a ATD constitui uma metodologia aberta para um pensamento investigativo (MORAES e GALIAZZI, 2011).

A análise textual das respostas dos alunos foi fundamentada pela teoria psicanalítica, que também sustentou o trabalho de escuta e intervenção na instituição de estágio, principalmente por meio das contribuições de Maria Cristina Kupfer, Luiz Claudio Figueiredo, Raquel Guzzo e Jean Jacques Rassial, autores que escrevem sobre a interface psicologia, psicanálise e educação sustentando em seu viés teórico o campo de atuação do psicólogo escolar e educacional. No que diz respeito aos preceitos éticos, garantiu-se nessas elaborações o sigilo da instituição concedente do estágio e dos adolescentes, autores das frases e palavras aqui analisadas. Assim, as turmas foram nomeadas, neste trabalho, como 1A, 1B para os primeiros anos e, 2A e 2B para o segundo ano e turma do EJA, respectivamente.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Oferecer um espaço de conversação com e entre adolescentes no ambiente escolar foi fundamental para a elaboração das angústias que ali circulam, bem como, dar vazão às ansiedades provocadas pelo próprio processo de aprendizagem e pela crise normal da adolescência. A ideia central foi promover a associação livre coletiva sobre impasses vividos pelo adolescente, tão importante nesse período da vida. Esse espaço, aberto com a colaboração da equipe diretiva e docente da escola, constitui um lugar de endereçamento das questões que norteiam o universo da adolescência e das relações estabelecidas nesse meio. Ao analisar o material coletado, destaca-se, inicialmente, um certo mal-estar nas relações escolares, comum à entrada na cultura. Verificou-se esse mal-estar na turma 2A após a análise cuidadosa das respostas que enfatizaram as palavras “presa”, “pressionada”, “sozinho”, “aceitar”, “incomodada”, “deslocada”, considerando nesse processo o perfil da turma, sua história e a dinâmica das relações que ali se estabelecem e organizam/desorganizam o grupo em questão. Tais respostas, parecem revelar que a escola e a adolescência não são exatamente um paraíso, como muitas vezes, narram os adultos.

Para os adolescentes, escreve Corso (1999),

viver tem sido uma excursão na selva, só que os guias queimam mapas e deixam os

Evento: XX Jornada de Extensão

jovens quando muito com a bússola. Esperam que os guiados descubram novos caminhos que supõem delirantemente que serão melhores que os velhos, traçados. Os jovens não ficam a sós, ficam solitários, que é diferente, desacompanhados de maiores referências, sem recursos aos mapas, e ainda com a tarefa de carregar junto os amnésicos guias que parecem não querer lembrar-se das pedras em que já tropeçaram (p. 108).

A propósito desse mal estar, um adolescente da turma 2B resumiu a situação dizendo: “No ensino médio é tudo ão, primeirão, segundão, terceirão, solidão, depressão”. Essa frase remete à curiosa contradição presente nessa narrativa, pois a ideia de que as turmas no ensino médio constituem um grupo, onde cada adolescente pode se sentir inserido e pertencente a uma tribo, na verdade encobre uma outra realidade, que é representado pelo sentimento de solidão e o estado de depressão sugeridos pelo aluno mesmo este estando em um espaço grupal, o que nos remete à ideia de Winnicott (2012) onde afirma que “o adolescente é essencialmente um isolado” (p. 165).

De fato, no contexto atual, observa-se que, cada vez mais, vem aumentando a demanda de tratamento clínico para crianças e adolescentes nas clínicas de psiquiatria e psicologia, denunciando essa problemática. Contudo, essa demanda e seus encaminhamentos, via de regra, não representam uma psicopatologia, mas sim um mal-estar que se impõe na contemporaneidade. Cabe ao psicólogo escolar identificar essas enormes demandas, resultantes da relação humana e trabalha-las no contexto da escola, quando assim for possível e adequado, freando um pouco a imensa quantidade de encaminhamentos à psiquiatria e a medicalização da vida.

De acordo com Coutinho e Carneiro (2016), a participação na vida comum, na cultura, produzirá sempre um mal-estar. Para o autor,

Estar no coletivo e produzir cultura significa fazer renúncias e uma felicidade plena e final já é pensada, a princípio, como impossibilidade. Portanto, sucesso e fracasso, numa ótica da completude, ficam de lado quando propomos o mal-estar como possibilidade de qualquer relação no mundo. A questão aqui seria partir dele não para o suprimir ou descartar, mas para ao escutá-lo e suportá-lo oferecer uma outra possibilidade de fazer com ele (p. 115).

Parece que cada dia mais, exige-se dos jovens ideais impossíveis. Preocupa-nos saber que ao serem interrogados de como é viver a adolescência esses jovens respondam: “cansativo”. Viver na lógica contemporânea de sucesso e superprodução, que também influencia a educação, pode estar maximizando esse mal-estar. A exigência da nota máxima, do sucesso escolar em todas as disciplinas, a competição pelas vagas nos cursos de graduação e a obrigatoriedade de dar conta de todo o conteúdo programado pode estar influenciando diretamente na saúde e no desenvolvimento de crianças e adolescentes, muitas vezes em resposta de um ideal adulto. O profissional/ adulto que trabalha com adolescentes não pode esquecer que, para além do aspecto cognitivo, existe um sujeito no universo adolescente, um sujeito psíquico, social, que carrega uma

Evento: XX Jornada de Extensão

história singular, como anuncia uma das alunas, “não somos a nota que tiramos”.

Cabe, nesse momento, algumas indagações. Essa frase não estaria apontando para a ausência de um olhar que deveria acolher o sujeito para além do aluno? Não estaria, nessa ausência de olhar, um esquecimento de como é estar nessa posição de aluno e/ou adolescente? A esse respeito Kupfer (2001) observa: “O educador deve se reconciliar com a criança que há dentro dele, mas é uma pena que ele tenha se esquecido de como era mesmo essa criança” (p.50).

A presença do estagiário de psicologia na escola é fundamental para abrir um espaço de escuta dessas relações, principalmente quando se observa na contemporaneidade um desinteresse do indivíduo pelo outro, uma dificuldade de prestar atenção no outro, como bem afirma Figueiredo (2007). O resgate do que o autor chama de metapsicologia do cuidado é essencial e urgente, esclarecendo que pensar em cuidado não se refere somente estar em presença implicada, trata-se, também, de presença em reserva que significa reconhecer, acolher e testemunhar um sujeito. Nesse sentido, a presença da psicologia na escola é fundamental.

No primeiro semestre do estágio, muitos adolescentes que buscavam um espaço de escuta foram acolhidos. Chamou atenção o agradecimento que muitos fizeram enfatizando a frase: “obrigado por me escutar”. Escutar um adolescente é testemunhar o que ele está elaborando, é escutar com seriedade aquilo que ele diz, pois a fala que ali se coloca remete à construção de um discurso próprio e singular que precisa do reconhecimento do outro para o que diz e de um lugar de endereçamento.

O adolescente apresenta uma vulnerabilidade especial para assimilar os impactos projetivos de pais, irmãos, amigos e de toda a sociedade. Ou seja, é um receptáculo propício para encarregar-se dos conflitos dos outros e assumir os aspectos mais doentios do meio em que vive. Isto é o que atualmente presenciamos em nossa sociedade, que projeta suas próprias falhas nos assim chamados excessos de juventude, responsabilizando-os pela delinquência, pela aderência às drogas, pela prostituição, etc” (ABERASTURY e KNOBEL, 1992, p. 11).

Abrir um espaço de atendimento escolar individualizado pode fazer toda diferença para o adolescente, uma vez que “Ajudar o adolescente consiste menos em propor-lhe respostas do que aceitar tomar a sério suas questões, permitindo-lhe formulá-las em seu discurso, antes de precipitar-se em atos” (RASSIAL, 1997, p. 88). Isso significa promover um espaço de elaboração simbólica para que esse adolescente tenha outro caminho distante da violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do estagiário de psicologia na instituição escolar é acolher, testemunhar e fazer os encaminhamentos quando há questões clínicas em jogo. O espaço escolar é antes de tudo um espaço de subjetivação, onde o adolescente encontra conteúdo simbólico para elaborar seu adolescer e, como tal, constitui, também, um espaço de circulação de angústias. Assim, tanto o saber quanto as experiências têm valor de oferta de significantes para que os sujeitos se apropriem na construção de um discurso próprio e de um modo de fazer laço social (COUTINHO e

Evento: XX Jornada de Extensão

OSORIO, 2015). As atividades desenvolvidas no campo de estágio mostraram a importância da psicologia escolar e educacional, especialmente no trabalho com as turmas de ensino médio. Inaugurar um lugar de endereçamento do discurso adolescente, criar um espaço de circulação da palavra, reconhecer um sofrimento e acompanhar adultos e adolescentes na difícil tarefa de viver, ensinar e aprender é fundamental no espaço escolar.

PALAVRAS CHAVES: escola; adolescência; psicologia; palavra; afeto;

KEY WORDS: school; adolescence; psychology; word; affection;

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. Adolescência normal. 10ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES. O adolescente e a modernidade. Rio de Janeiro, 1999.
- FIGUEIREDO, L.C. A metapsicologia do cuidado. São Paulo: Unimarco Editora, 2007.
- GUZZO, R. Psicologia em instituições escolares e educativas: Apontamentos para um debate. In: Conselho Federal de Psicologia; Conselhos Regionais de Psicologia. (Org.). Ano da Psicologia na Educação – Textos Geradores. Brasília: Ed. Brasília, 2008.
- KUPFER, M. C. Freud e a educação: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 2001.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva. Ijuí: Unijui, 2011.
- RASSIAL, J. J. A passagem adolescente: da família ao laço social. Porto Alegre: Artes Ofícios, 1997.
- WINNICOTT, D. W. Privação e delinquência. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.